

A large, high-contrast, red-toned portrait of Rui Costa's face serves as the background for the entire cover. The text is overlaid on this image.

su.<sup>4</sup>  
scri  
to

abril  
2013

revista de literatura

rui costa  
tão nome de tudo



**Colaboram neste número:**

António Pedro Ribeiro

Dolors Alberola

Fernando Esteves Pinto

Henrique Manuel Bento Fialho

José Bivar

Josefa Virella Trinidad

Luis Ene

Margarida Vale de Gato

Maria João Cantinho

Sandra Cruz

Santiago Aguaded Landero

Tiago Nené

SU.  
4  
abril  
2013  
Scripto  
revista de literatura

rui costa  
tão nome de tudo



## **subscrito 4**

abril 2013

**tão nome de tudo** (verso de Rui Costa)

edição: **4águas editora**

Rua 25 de Abril, 9-A 1.º

Conceição de Tavira

8800-061 Tavira

e-mail: [editora4aguas@gmail.com](mailto:editora4aguas@gmail.com)

[www.4aguaseditora.blogspot.com](http://www.4aguaseditora.blogspot.com)

direcção editorial: **fernando esteves pinto e vítor cardeira**

prefácio: **maria joão cantinho**

capa e paginação: **inês ramos**

ISBN: 978-989-98088-6-7

depósito legal:

impressão: **publidisa**

edição única de 100 exemplares



# prefácio

**maria joão cantinho**

*Os anjos são recicláveis e a literatura  
controla o tráfego aéreo. No porão do  
pensamento acenamos à suavidade,  
enquanto Deus é uma sala de fisioterapia.  
Conservamos as fábricas de electricidade  
em níveis aceitáveis de educação sentimental.  
Somos homens negros paridores da luz.*

Rui Costa, *Breve ensaio sobre a potência*, 29, p. 30.

**R**ui Costa deixou-nos no início de 2012. Tinha 39 anos (nasceu em 1972), era poeta, advogado e investigador na área da saúde. Publicou 4 livros de poesia e um romance. O autor conquistou o Prémio Daniel Faria com a sua primeira obra de poesia, intitulada *A Nuvem Prateada das Pessoas Graves*, editada em 2005, pela Quasi Edições e, dois anos depois, recebeu ainda outro prémio literário, com o seu romance *A Resistência dos Materiais* editado pela Exodus. Entrou assim pela porta grande da literatura portuguesa. Seguiram-se outros livros de poesia, como *O Pequeno-almoço de Carla Bruni* (Palavra Ibérica, edição bilingue espanhola, 2008), *As Limitações do Amor são Infinitas* (Sombra do Amor editora, 2009), *Breve Ensaio sobre a Potência* (Língua Morta, 2012), já publicado postumamente.

A sua morte trágica chocou-nos, deixando-nos perplexos. Talentoso e brilhante, repartindo-se entre a carreira da advocacia, a escrita e, posteriormente, a realizar um doutoramento na área da saúde, Rui Costa parecia mover-se com a mesma agilidade em todos estes campos. Quando observo as suas fotografias, vejo um belo rosto e uma luz que emana do seu olhar, mas onde também aflora uma insondável escuridão. Creio que o seu poema “Autobiografia” nos diz mais do que qualquer análise psicológica, que não é, aliás, o meu objectivo.

Uma das características mais marcantes da sua obra poética é a manutenção, ao longo dos 4 livros publicados, de uma coerência evidente, pautando-se por uma voz singular e notável. A linha de água que a atravessa é a de uma organização do discurso poético, desde o seu primeiro livro, em torno da presença constante de um excesso, que explode frequentemente, uma força vital que conforma os seus poemas e arrasta vertiginosamente o seu leitor. Parece-nos que é neste confronto com os limites da experiência e da linguagem que se tece a grande tensão da sua linguagem poética, a qual nos deixa precisamente num plano que transcende os limites de um sistema de aparência fechado, de uma realidade sempre em auto-superação. E tal remete-nos para um trabalho poético em torno da procura do sentimento do sublime (e não do belo, num sentido tematizado por Kant) que encontra as suas raízes em filósofos como Edmund Burke, Kant e, mais próximo de nós, Jean-François Lyotard.

A força/intensidade poética de Rui Costa advém-lhe precisamente desta procura da transcendência da razão, própria da transgressão dos limites, oscilando a sua poética entre uma extrema leveza da linguagem e uma espessura que lhe advém do excesso e contribuindo, por todas estas razões que explicitarei adiante, para uma poética construída, senão pelo oxímoro, pelo paradoxo e pela intensidade metafórica, o que lhe confere uma tonalidade inequivocamente alegórica.

Logo no início do seu livro *A Nuvem Prateada das Pessoas Graves*, o poeta diz, na p. 12, no poema “Não São Poemas”:

*Não são poemas o que eu escrevo./São casas onde os pássaros esperam./Nas suas janelas coincide o mundo./Nos seus esteios resvalam gigantes./Algumas vezes ódio./Algumas vezes amor./Não são mortaldas incondicionais do medo../ O HÓSPEDE DA CASA NÃO/TEM O DEVER DE SER FELIZ!*

Esta analogia entre o poema e o lugar habitável pelo poeta, o “hóspede” que “não tem o dever de ser feliz”, mas sim o “de fazer coincidir o mundo nas janelas das casas”, revela o que caracteriza o ofício da poesia, para o autor. Contraditório na sua essência, mas é nessa dobra da linguagem poética que se encontra concentrada a sua “verdade”, se é que legitimamente podemos falar dela, na poesia. E volta a afirmar o poeta: *Não são poemas que eu escrevo./São espelhos onde os nossos rostos principiam*. O poema reflecte a “verdade” do rosto, é “espelho”, com todas as conotações que o conceito implica. Uma tarefa urgente, sem dúvida, a do poeta, recusando o poema como “construção” ou “fingimento”, parafraseando o poema de Fernando Pessoa. E a verdade implícita do poema nasce da mais violenta contraposição, onde Rui Costa define os homens como “negros paridores da luz”<sup>1</sup>, os que escavam a “luz subterrânea”, no magnífico poema “A Construção da Luz”<sup>2</sup>.

Esses, os construtores da Luz ou os poetas, são os que “cavam por dentro do que somos”, remetendo para uma dimensão alucinatória e onírica, onde descortino uma familiaridade intensa com a poesia de Herberto Helder. Gosto particularmente deste poema, pela intensidade metafórica, por um lado, e também pelo aspecto programático que nele se deixa adivinhar, no desdobramento desse título. A condição da poesia, visceral e violenta, excessiva<sup>3</sup>, apresenta-se logo no primeiro verso: “Toda a luz é subterrânea.” É no avesso do apolíneo e do diurno que se apresenta a tarefa do poeta, remetendo, desde logo, para uma dimensão profundamente alegórica (e sem concessões) da poesia. É nesta travessia da escuridão, caminhando cada vez mais fundo, atravessando os limiares (que aqui se apresentam na metáfora do túnel) que se descobre essa “luz”. Por isso, o poeta diz: “Continuo a escavar, os primeiros pilares/abatem. Estremecem na cabeça dos poemas(...)”. É neste trabalho de fragmentação dos limites, de fissura da aparência e da solidez (a metáfora do “abatimento dos pilares”) que assenta o *modus operandi* do poeta, para aceder a uma dimensão interior (do corpo, da terra), descendo sempre a uma dimensão subterrâ-

1) *Breve Ensaio sobre a Potência*, p. 30: “Somos homens negros paridores da luz”.

2) *A Nuvem Prateada das Pessoas Graves*, p. 31.

3) No sentido em que o autor como Omar Calabrese, define, in *A Idade Neobarroca*, edições 70, Lisboa, 1988. Na página 63, define assim “excesso”, partindo do conceito latino: “E ainda mais clara é a imagem do excesso: do latim *ex-cedere*, «ir para lá de», o excesso manifesta a ultrapassagem de um limite visto como caminho de saída de um sistema fechado.”



nea. No segundo verso de “A Construção da Luz”, diz o poeta numa clara intenção alegórica: “Escrevo sob a pele o seu peso”, transgredindo esse limiar, operando uma clara separação entre o visível e o invisível, entre o inteiro – do corpo e da pele, que confere a organicidade ao corpo – e o fragmento. A luz que rejubila, então, é a que nasce do “espasmo”, que pode ser o do prazer como o do sofrimento, a luz do “interior do chão”. É essa que o traz feliz, nesse sentimento, que já não é da ordem da serenidade, mas antes do êxtase, do esmagamento e do excesso.

A proximidade deste universo poético com o de Paul Celan e, em particular, com o poema “Havia terra neles” é (pelo menos, para mim) evidente e remeteu-me imediatamente para o mesmo. Celan diz: “Havia terra neles, e/cavavam.//Cavavam e cavavam, assim passava/o seu dia, a sua noite. (...)”. Mas, se; em Celan, “se cava” para não chegar a lado nenhum e a alusão à morte é, aqui, terrível; no poema de Rui Costa, cava-se para construir a luz, tecida pela memória: “Quando a memória refaz o equilíbrio/já as primeiras gotas de suor cavalgam./O túnel é agora um espaço/aberto sob o ar, um túnel maior: o que seremos/cava por dentro do que somos.” Aqueles que cavam/poetas são os construtores da luz, os que escavam o túnel que há de levá-los a um lugar onde a esperança, ainda que obscurecida, acena e chama. Porque a luz, para Rui Costa, é subterrânea. Ou, como ele o diz, no primeiro poema de *Breve Ensaio Sobre a Potência*: “a luz é a metáfora do verbo,/a matéria escura. Ilumina/ as paredes de água, é como/um vidro com as imagens/do avesso. o animal furtivo/que instaura a violência./a mãe ao redor do silêncio.” Este poema é enigmático, mas vai ao encontro da ideia anterior e permite-nos compreender de que luz é que nos fala o poeta, a “luz subterrânea”, aquela que é preciso escavar para ser encontrada, aquela que só a transgressão permite encontrar, num gesto de auto-superação. É “metáfora do verbo”, “matéria escura” e alquímica, que ilumina, a partir de dentro. É essa luz que nos permite ver a realidade, mas com as “imagens do avesso”. É preciso lê-las no segredo e na escuridão, de dentro (sublinho a condição), para que delas nasça algo, certamente o poema, o verbo esplendoroso. O poeta fala dela como “o animal furtivo”, aquele que se aproxima da sua presa pela calada da noite, instaurando a violência. Que violência? A da transfiguração alquímica do poema? A da linguagem? Ou a da luta entre os opostos, da qual nasce algo novo e remanescente, o poema? No fim da luta, porém, nasce o sossego, o silêncio, como o sentido máximo do poema, tão claro

no último verso: “a mãe ao redor do silêncio”. Para que o silêncio do poema seja protegido?

Na poesia de Rui Costa existe uma ideia transversal e que é uma analogia clara entre o corpo visceral e a terra, como lugar de escuridão e de perda, interior, oculto, secreto. Aliás, a sua última obra, *Breve Ensaio sobre a Potência*, concentra-se sobre a vida vegetal e animal, e tal não acontece por acaso. Ocorre precisamente para que o olhar poético não se distraia com o humano, com a sua beleza aparente e ilusória. O mundo vegetal e animal deixa mais à vista as suas leis naturais e terríveis, os seus inevitáveis enleios com a corrosão e a passagem do tempo. A lei da predação, a ausência do afecto, os actos simples como respirar, alimentar-se, a subserviência à lei da morte, tudo isso que apenas se torna dramático quando aplicado ao homem. Tal olhar despojado permite uma leitura da potência, mas também a interpretação mais imediata dos poderes metamórficos da natureza, esses que tão claramente revelam a “subterrânea luz”. Porque a luz nasce de dentro, repito, da revelação, da dança dos seres, que manifestam a luz de forma epifânica. A “luz breve que irrompe dos mais negros flancos”<sup>4</sup>, dos flancos da noite e das trevas, nasce como a frágil luz que inunda a paisagem arruinada e desolada, salvando-a da noite.

A utilização intensiva de certos lexemas na poética deste autor é fulcral para a compreensão do seu discurso poético, assim como a função estruturante que, nesse discurso, desempenha o poder metafórico, confinando com uma certa componente alucinatória e surreal, cuja expressão mais elevada se pode ler no último livro publicado: *Breve Ensaio sobre a Potência*. Aqui, o campo metafórico atinge os limites da transgressão do discurso poético, bem como afirma, mais do que em qualquer outro, a recusa do lirismo e a afirmação de uma visão dionisíaca do real. Para ele, a ilusão da beleza e do lirismo não é senão isso mesmo: uma imagem falsa. É por isso que o poeta diz, no seu poema “Eternidade”<sup>5</sup>: “A última frase é demasiado lírica para pertencer ao poema./É preciso retomar a calma, consagrar a vida/aos ossos. Desculpa.” A advertência está lá, num poema cujo título nos remete para a infinitude do tempo e para a sua transcendência. Mas que termina assim: “é preciso consagrar a vida aos ossos”. Adiantaria eu: “não há aqui lugar para o lirismo e para a beleza aparente

4) *Breve Ensaio sobre a Potência*, 7, p. 8.

5) *As Limitações do Amor são Infinitas*.

e apolínea”. Não se trata de olhar para fora, deixar que a sedução nos arraste pela aparência da beleza, mas antes, numa outra tarefa, a de lembrar a morte, que se esconde no corpo, o tempo que o corrói, nessa metáfora tão explícita como é a dos “ossos”. E esta metáfora, expressão máxima do que é a fragmentação do humano, do orgânico, atinge uma potência inaudita, lembrando-nos a forma como o excesso consiste na iluminação desse limite supremo.

A eternidade é sublime por isso, não por corresponder a uma falsa ideia de transcendência pacificadora, mas sim porque a morte se redime nessa iluminação suprema, como exposição derradeira, excessiva, fragmentada e arruinada. E este é o segredo da alegoria: redimir a morte, “consagrar a vida aos ossos” para (re)descobrir o incêndio da vida que neles existiu. Não poderia deixar de aludir a um autor que aqui nos espreita, de forma inevitável, mesmo sem saber (ou querer saber se Rui Costa o terá lido) e que é Walter Benjamin. Como ele nos mostrou, é a alegoria<sup>6</sup> que nos permite, enquanto *modus operandi*, encontrar e alcançar significados profundos, assentando a sua criação num processo de diferimento dos mesmos e não na instantaneidade suposta do entendimento (que apenas nos permite alcançar o brilho da aparência e a sua ilusão). Esta forma de operar ganhou uma especial importância na compreensão das formas decantadas da Modernidade, em especial da poética baudelaireana. É no sentido em que a forma linguística se encontra associada ao excesso, em que a própria desfiguração do corpo e do orgânico se mostra, contribuindo para o desfazer de uma visão orgânica, que tem em vista o acesso a uma visceralidade, não apenas do corpo, como da própria escrita, que eu associo a poética de ambos, unida pelo elo alegórico. Mas esta desfiguração serve um propósito, não é gratuita, permitindo, como Walter Benjamin tão bem o demonstra, em diversas passagens da sua magistral obra *A Origem do Drama Barroco Alemão*, representar o que é irrepresentável e que é a própria essência do humano, na sua finitude, numa tentativa de salvar o que se encontra destinado à morte. Daí o sentido que irrompe no poema “Eternidade”, de Rui Costa. É preciso lembrar e salvar o que permanece, a beleza do inorgânico, redimindo-a para além de qualquer ordem do sis-

---

6) Remeto o leitor interessado para um estudo que publiquei sobre o conceito de Alegoria, na obra de Walter Benjamin, intitulado *O Anjo Melancólico*. Foi publicado pela editora Angelus Novus, Coimbra, 2003.

temático e da totalidade. E é dessa fragmentação levada à sua última instância, a dos ossos, que nasce a luz do poema e da própria vida, fixada para sempre. Aquilo que chega ao fim, nesta visão alegórica, é uma certa visão ou “imagem do corpo”, uma imagem avessa à ideia da carne<sup>7</sup>. A dimensão do alegórico surge, assim, associada a esta transgressão, à própria visceralidade e ao excesso. Creio que a direcção que Rui Costa imprimiu na sua última obra iria muito neste sentido, muito próxima (mas à sua maneira) da poética de Luís Miguel Nava.

Eles, os poetas, os que atravessam a escuridão, os inquietos homens, “negros paridores da luz”, são também os mágicos, os “xamãs foragidos da pele da cidade”<sup>8</sup>, que fazem “renascer as/mãos na utopia, como que procurando um lugar habitável e, “neste mundo deus vai dançar”, como o diz de forma sublime o poeta, no seu poema 30, de *Breve Ensaio sobre a Potência*. Evocando a magia da voz que chama a si os espíritos sagrados, os poetas escavam, para encontrar a luz da utopia, essa que faz as “mãos renascer”, num mundo etéreo onde deus vai dançar. Essa metáfora extraordinária – e que relembra as mais belas passagens da obra de Nietzsche, em *Assim Falava Zaratustra* –, que aparece no poema remetendo-nos para a leveza da criação poética, onde a dança se revela como a expressão esplendorosa da metamorfose da linguagem poética. Os “despidos do Futuro junto ao rio” são os que procuram, no instante do presente, a utopia nascente. O rio, junto do qual eles se detêm, é o rio do tempo puro e “a luz é da Tribo”, essa que traz em si o poder da transfiguração poética. É preciso descer ao espírito da terra, onde a “Grande Pedra escuta”. Nesse mundo, secreto e subterrâneo, apenas conhecido dos “xamãs foragidos”, é possível ainda dançar, na luz da linguagem poética. Essa que é pura e que se cruza com o instante.

---

7) É bom lembrar o magnífico texto de Bragança de Miranda, in “As Ligações do Corpo”, in *Metamorfoses do Sentir*, Balletteatro Edições, Porto, 1998, p. 33, onde o autor frisa esse aspecto, dizendo que o pensamento da Modernidade «nunca rompeu verdadeiramente com essa imagem, que aprisionava a carne na teia de aranha formada pelo «corpo»».

8) *Breve Ensaio sobre a Potência*, p. 31.

# perguntas ao poema

As limitações do amor são infinitas é uma expressão que me leva a este teu poema:

*Levanta as tuas mãos  
e se um dia te cansares  
eu estarei pronto como o lugar da queda.*

(estas palavras sugerem um aviso que prevê o fim duma relação)

Pergunto-te: as limitações correspondem ao sujeito amado, àquele que ama, ou ao próprio conceito do Amor, que nunca atinge o infinito?

*cabemos inteiros  
no mundo, às vezes  
acordamos com os pés  
fora da cama:  
somos pequenos,  
somos tão grandes.*

Há um aspecto interessante na tua poesia, ainda mais acentuado nestes poemas. As imagens que crias através dos versos nunca são estáticas, isto é, fazem lembrar aquelas imagens electrónicas dos grandes cartazes de publicidade que estão sempre a mudar, nunca perdendo o fio da mensagem, mas alterando constantemente o sentido como se te interessasse o jogo psicadélico que esta poesia evoca.

*Eu sou louco e compreendo. Eu tenho o meu orgulho e a minha força.*

*Canso-me. Uso as minhas mãos. Deixo o coração ser alternado e comestível. E o vento passa lá fora e eu passo cá dentro e lá fora.*

Há um poema sobre a memória da infância que eu considero que descreve na perfeição a tua atitude, como poeta, perante a matéria com a qual trabalhas – a poesia. Apresento-te alguns versos desse poema:

*Um dia de manhã os teus pés parados sem saber.*

*Morreste nesse dia e eu nem sequer chorei. Não é preciso, amigo.*

*Chegaste primeiro desta vez. És o maior:*

*A morte é uma bicicleta, tenho a certeza disso.*

Com este poema fizeste uma autópsia à sensibilidade e expuseste os órgãos da emoção. Pergunto: também encontras pedras dentro das palavras?

*Sei que há paredes brancas onde as águas não entram. Ficamos às vezes à conversa nos rios infinitos, chorando lentamente uma felicidade louca. E somos loucos perguntando, chovendo no coração louco. E nada existe que não seja apavorado e tremendo.*

O pensamento inovador é a grande chama destes poemas, e com essa chama inédita vais ateando inúmeros fogos neste livro. O que faz de ti um poeta que acende um poema pelo lado que nunca foi ateado. Será essa a principal função do poeta? Um poema em chamas e tu no centro?

*Escrevo, decerto, por qualquer razão inútil que não vais nunca entender. Surgem as frases, vês, desconhecidos que no bar do acaso encontro e são as tuas mãos a escrever por mim.*

**fernando esteves pinto**

*Poemas do livro “As Limitações do Amor são Infinitas”  
Sombra do Amor Edições*



Bar 1900 (Huelva) 2009



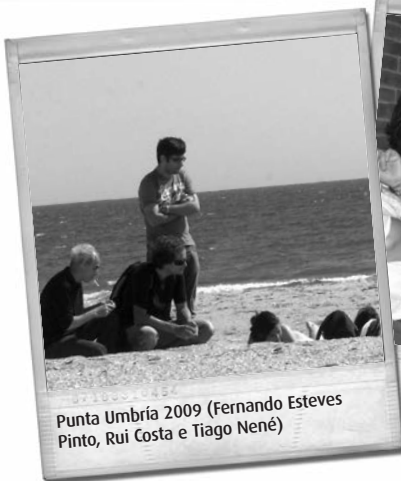
Bar 1900 (Huelva) 2009



Palavra Ibérica - Huelva 2009



Palavra Ibérica - Huelva 2009



Punta Umbria 2009 (Fernando Esteves  
Pinto, Rui Costa e Tiago Nené)



Punta Umbria 2009



# poemas do livro:

«A Nuvem Prateada das Pessoas Graves» (Quasi Edições), 2005  
Prémio de Poesia Daniel Faria



## A Nuvem Prateada das Pessoas Graves

Nem sempre se deve desconfiar das pessoas graves, aquelas que caminham com o pescoço inclinado para baixo, os olhos delas a tocar pela primeira vez o caminho que os pés confirmarão depois.

Às vezes elas vêem o céu do outro lado do caminho que é o que lhes fica por baixo dos pés e por isso do outro lado do mundo.

O outro lado do mundo das pessoas graves parece portanto um sítio longe dos pés e mais longe ainda das mãos

que também caem nos dias em que o ar pode ser mais pesado e os ossos se enchem de uma substância morna que não se sabe bem o que é.

Na gravidade dos pés e da cabeça, e também dos olhos, com que nos são alheias quando as olhamos de frente rumo ao lado útil do caminho que escolhemos, essas pessoas arrastam uma nuvem prateada que a cada passo larga uma imagem daquilo que foram ou das pessoas que amaram.

Essas imagens podem desaparecer para sempre se forem pisadas quando caem no chão. A gravidade dos pés e da cabeça, e também dos olhos, dessas pessoas, é, por isso, uma subtil forma de cuidado.

## Autobiografia

Não preciso mas tu sabes como eu sou  
encaminho-me pouco divirto-me assim nas copas  
das árvores soprando pensamentos para o mundo que há de noite.  
As pessoas quando acordam são outras, já sabias,  
essa névoa contemporânea do medo miudinho  
que perdemos nas cidades e nos corpos, tu entraste  
antes de mim nos jogos, o enxofre da música e o  
lago do feitiço, inocente homem breve que sonha  
tu bem sabes.

Depois aluguei a bruxa por uma vasta noite.

E a minha vida mudou, a noite cresceu.

A vertigem ardeu-me nos braços até à sangria  
do tédio quando para sempre julguei que te perdia.

Na luta perdi um ou dois braços,  
mais do que o que tinha. Mas esta memória é um palácio,  
são corais no pensamento. Jardins e fantasmas.

O gume nas mãos sorvendo, criança estratosférica  
e profunda: sem braços e agora sem mais nada,  
não me percebeste, enchi-me de fúria.

É uma arte, queria eu dizer, matar sem retrocesso e  
atraso – ah aqueles braços para apoiar as mãos –,  
ceifando. Saturno e o vento na proa erguendo.

O navio no mar parado, parado: completamente.

Parado como dizer? Não dizer, eu sou uma vida  
medonha e múltipla. E agora descanso

deitado nestas mãos que mexem  
sem apoio, sabes, nascendo dos teus olhos  
p'la manhã.

## Poema inútil com montanha

Vejo a montanha à minha frente pousada  
sobre a água sempre verde, e penso na inutilidade  
de tudo o que ela é, e na inutilidade de estar pensando nisto,  
quando um pensamento inútil me sugere  
que a montanha pode ser  
um pormenor pensado por ela  
na paisagem do meu próprio pensamento, para  
com isto me levar a pensar sobre pensamentos,  
e não sobre montanhas, ficando ela, como antes,  
pousada na água sempre verde, sem ser  
pensada por ninguém.

## Breve

Esta manhã comecei a esquecer-me de ti.

Acordei mais cedo que nos outros dias

e com o mesmo sono.

A tua boca dizia-me "bom dia" mas não:

não o teu corpo todo como nos outros dias.

As sombras por aqui são lentas e hoje não

comprei o jornal: o mundo que se ocupe da

sua própria melancolia.

ontem, há uma semana, há muitos meses.

um ano ensina ao coração o novo ofício:

a vida toda eu hei-de esquecer-me de ti.

## A matéria do ar

Bom dia. Também eu sou feito de marfim.  
Estes são os meus amigos d'hoje: folhedo  
para entreter as mãos, pontas de madeira  
grossa para depois comer. Hoje havia água  
e a minha boca é cheia.  
Nunca o mínimo deus me salvou.

Nem luz nem a treva. Às vezes, de madrugada,  
visito as mulheres que lavam e que cantam.  
Trabalho com elas e há um forno transparente  
onde cozer o pão. Depois elas perguntam sempre  
quem sou e eu respondo: sou alguém que come pão  
e que se senta fora da casa com as mãos na terra.  
E elas começam a cantar e nunca me falam de  
amor.

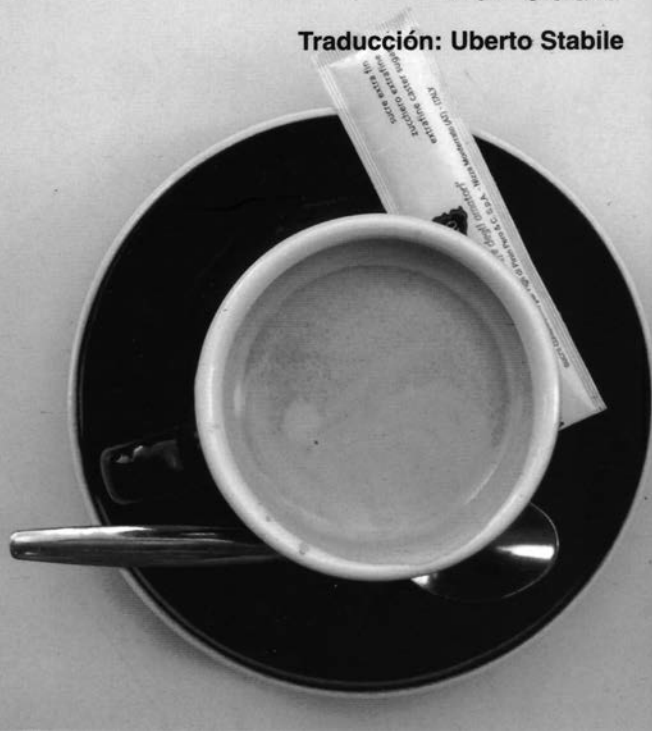
Ainda tenho pensamentos mas já não os penso.  
Falo como o sono nutre a sua teia e o seu  
veneno. Só os bichos da terra e os que andam  
no céu são brancos. E digo:  
Acende uma fogueira ao que sobrar do  
mundo.

# poemas do livro:

## El desayuno de Carla Bruni O pequeno-almoço de Carla Bruni

Rui Costa

Traducción: Uberto Stabile



«El desayuno de Carla Bruni / O pequeno-almoço de Carla Bruni»

Tradução para castelhano: Uberto Stabile

Edição: Ayuntamiento de Punta Umbría (Colección Palabra Ibérica), 2008

## Bar do acaso

Escrevo, decerto, por qualquer  
razão inútil que não vais nunca entender.  
Surgem as frases, vês, desconhecidos  
que no bar do acaso encontro e são  
as tuas mãos a escrever por mim.

Minto-lhes, digo que só te amo  
a ti, eles riem e pedem-me pra ficar,  
que sim, que a noite ainda é uma pequena  
musa no breve altar venal do coração.  
Fico. Dou à boca o jeito do cigarro

e é em fumo que transformo o corredor  
de imagens, metáforas, pequenos desvios de  
ritmo mais pobre ou queda sempre a pique  
em sentido nenhum. Às vezes, sabes, é mais  
difícil descobrir que o amor, como o cigarro,  
quando se acende é que começa  
a iluminar o fim.



## A casa mexia-se sozinha ao redor das mãos

A casa mexia-se sozinha ao redor das mãos.  
Era fria, de malas vazias a remendar a base  
e dissemos pedra sobre pedra sobre pedra.  
morreram: os meus amigos vinham jantar  
com a terra, E não havia nada para lhes dar  
a não ser a máquina de erguer janelas rente  
aos ombros. Aquecia-se água, descia junto à pele  
o lume: apertando os ossos, imaginando o respirar  
mais fino. As colheres eram pequenas fantasias  
do sono, animais que abriam muito os olhos  
junto à fome. Os antigos comunicavam sentimentos  
— o método da penumbra que escapara à melancolia aberta  
por fora. Mas por fora já não havia nada:  
e nós amamos a casa como um osso  
no interior da  
pedra.

## O sonho: a escada aos pés da alegria

Ela queria dar maçãs mas sem saber porquê  
e caber no chão e esquecer-se do seu nome  
e de crescer. depois, ela queria ter um país  
a rebentar na boca, um amante ciumento  
a respirar cheio de medo. e poder fingir  
que o esquece e queimar-se muito  
nas palavras que lhe diz.  
havia de mostrar-lhe as mãos cinzentas  
e de cuspir o seu amor na água podre  
dos caminhos. e havia de matá-lo,  
com a mão de aço na coroa  
da cabeça e o sangue a florir nas ruas de vermelho,  
arrastando poemas, candeeiros,  
a cama, o lençol branco, a mesa da cozinha,  
um nome da alegria, o cesto para o pão,  
e haviam de chegar à mesma casa, árvore, país,  
corpo, sonho, vida, poema, como uma fonte  
que regresse à própria boca  
ainda com mais sede.

## **Senhora de Londres escolhendo Limões**

Não, nem todo o limão é amarelo quando  
a mão de alguém o toca e humaniza, pequeno deus  
aos tombos do céu de um pensamento manual e  
exigente. Às vezes, quando a sede não é muita,  
um do fundo é erguido à altura do olhar e então,  
por mágica rotação da sorte que nos astros se reflecte,  
encontra uma outra luz na mão que o recebe e deposita  
em morada assaz prosaica e de plástico. Na vida,  
a caminho do futuro que ele nunca saberá onde fica,  
o limão continuará a ser inteiro  
e o seu sumo continuará a ser sumo,  
pela mesma sábia razão por que a história dos homens  
é sempre muito maior do que eles.

## A selva é redonda

Os macacos comem bananas porque era a fruta que tinham mais à mão. Se tivessem mais à mão morangos, os macacos comeriam na mesma bananas, porque os morangos são muito difíceis de descascar. As bananas são comidas por macacos porque são os animais com mais mãos que têm ali à mão. As bananas não têm mãos mas têm casca, que é uma espécie de mão à volta da banana. As bananas preferiam ter mãos mas saiu-lhes antes casca. Ser casca não deve ser fácil, passar a vida a ser deitado fora. Os árbitros de futebol têm duas mãos, uma para cada cartão. Os macacos também arbitram as bananas, comendo-as. Os macacos não mostram os cartões às esposas. Preferem seduzi-las usando a inteligência. Não sei como vim parar à selva. Talvez tenha corrido demais atrás da bola.

# poemas do livro:

«As Limitações do Amor são Infinitas»  
(Sombra do Amor Edições), 2008



AS LIMITAÇÕES DO  
AMOR SÃO  
INFINITAS

RUI COSTA

## Acidente I (helderiana virulenta)

eu às vezes apetece-me que vocês sejam felizes hoje,  
roubando aos bocados. Com gotas de sono a morder alto,  
rebetando nas asas.

Às vezes procuro chamar a atenção, isto é, por vezes decido morrer  
para sempre. Sem anzóis a cair dos braços movendo o ritmo do ar.  
E sem pena, horizontal a tudo. Então costumo ver os amigos encostados  
uns aos outros, lavando árvores. Ou entrando pelo sangue, com as mãos  
todas a dar olhos.

Lembro-me de vocês quando decido morrer para sempre.

E quando sou eterno, comendo folhas sentado.

Sei que há paredes brancas onde as éguas não entram. Ficamos  
às vezes à conversa nos rios infinitos, chorando lentamente  
uma felicidade louca. E somos loucos perguntando, chovendo  
no coração louco. E nada existe que não seja apavorado e  
tremendo.

Mas tu sabes. Eu quero que tu oiças. As nuvens são inteligentes  
e é por elas que as nossas mãos recebem. Por tudo quanto não existe,  
pondo pedras demoradas junto ao lugar do amor. Tantos mortos,  
dizes,

órgãos repartidos por tanta nenhuma coisa. Nada. Tanto.

Eu sou louco e compreendo. Eu tenho o meu orgulho e a minha força.

Canso-me. Uso as minhas mãos. Deixo o coração ser alternado

e comestível. E o vento passa lá fora e eu passo cá dentro e lá fora.

E sigo o rumo das papoilas e digo que amo as coisas raras.

Neste extremo lugar dos homens,

coroadado de tudo.

## **O Acidente II** **(responde ruy belo)**

E se depois alguém viesse ter contigo  
e te dissesse foi bom contar contigo  
entre o medo colorido, o teu ardor  
e tu então parado e mais que nunca tudo  
contido como um mundo a sós desesperado  
de ter tanto preparado noutra fundo alto  
doutro recanto mudo e mais um coração  
antigo e bruto e como que hirsuto e grato  
e à morte dizes não e o sobressalto é vasto  
deus treme e como um bicho gasto estala  
inerte e consanguíneo e já não há futuro  
para os mortos porque já não é preciso  
a morte para nada e nenhum muro é decente  
entre o sonho e o sorriso porque agora  
é tudo como dantes sabes belo eternamente?

J.

Na bicicleta tão pequena tu eras grande demais. Saltando muros, levantando a roda, até os meus tios vinham ver-te às voltas no terreiro de asas nas rodas e jeito tão azul. Mas um dia ganhei-te na corrida. Tu sorriste, deste-me piratas e eu nunca soube bem porquê.

Mas não foi por causa disso que morreste. Um dia de manhã os teus pés parados sem saber. Morreste nesse dia e eu nem sequer chorei. Não é preciso, amigo. Chegaste primeiro desta vez. És o maior:

A morte é uma bicicleta, tenho a certeza disso.



## Medo

Furo-te os olhos com os dedos magoados  
como-te  
torpor de medo as luas verdes  
mordem-me a boca  
do teu peito sobe o halo nacarado  
a essência fútil das flores mortas  
e novamente o medo  
de nunca mais voltar a ser perfeito

## A peça

A menina à porta do teatro não faz parte da peça. Pelo menos até ao momento em que começo a imaginar-lhe um outro vestido. Ela vê o aproximar-me da porta e quase olha para o escuro da sala: Percebe-se que acabo de fazer uma escolha. Ela agora vai esquecer-se de mim, inventar um homem que entra numa sala como a fugir da luz.

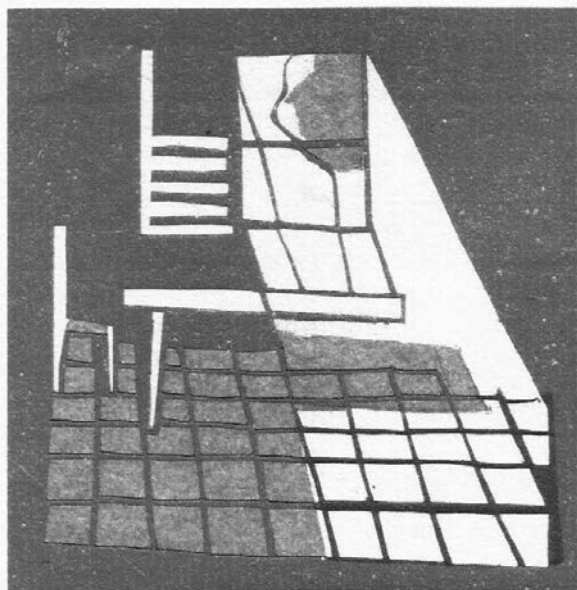
E no entanto é isto que fizemos

sempre.

# poemas do livro:

Rui Costa

## BREVE ENSAIO SOBRE A POTÊNCIA



LÍNGUA MORTA

«Breve Ensaio sobre a Potência»  
(Editora Língua Morta), 2012

não há literatura. ainda não se  
fala do que vai acontecer. há um  
vento agora que lhe seca a pele  
mas ele não concebe. este homem  
é um fantasma calmo descansando  
na margem. ainda não é o sonho,  
é uma luz romba e baça fustigada.

Deus sempre feito à imagem do homem que o cria. Fabricam-se punhais para matar com menos requinte do que as mãos; e o crime continua a ser a mais antiga forma da pureza. O primeiro artista pintava o animal que queria seduzir. Dava-lhe uma luz imóvel e amava-o deitado no tempo.

Ser adulto é quase impossível no mundo  
só imberbe. Acreditas mais num ficheiro  
Microsoft do que nas salmodias da tua avó.  
O novo deus do mundo será um adolescente  
com jeito para a música e o cabelo a imitar  
os heróis da manga. A luz desloca-se com  
pressa para chegar antes de envelhecer.

E assim ensaiamos o livro entre a  
treva e a luz, o coração despedaçado  
rasgando novos arquipélagos. São  
colmeias brancas que nos coram as  
palavras, pedras, constelações de risos  
e de limos que transportamos na penumbra.

A poesia não sabe o quanto te devemos.

### Até sempre, Rui Costa!

Conheci o Rui Costa em 2006 no Pinguim, nas noites de poesia, já então com o Rui Spranger. Falámos de poesia, do mundo, do que era. Uns meses depois, no Púcaros do Carlos Pinto, noutra sessão de poesia, o Rui falou-me em musicar os meus poemas, eu na voz, ele na guitarra. Nascia assim a Mana Calórica. Por onde passaram músicos como o Henrique Monteiro (guitarra) ou o Marrocos (bateria). Na formação definitiva ficámos eu, o Rui e o André Guerra na guitarra. Chegámos a actuar em 2009 no Festival de Paredes de Coura.

O Rui era frontal, polémico, céptico, às vezes estava contra tudo e contra todos. Tivemos as nossas discussões. Tínhamos opiniões diferentes sobre algumas coisas. Mas o Rui nunca deixou de ser ele próprio. Sempre sincero. Sempre amigo. Acreditava num certo paraíso que não veio a encontrar no Brasil. Nunca me falou em suicídio. Escrevia coisas bonitas.



## En una piedra blanca

En 2008, gané el Premio Internacional Alonso de Ercilla, en Gijón, con mi libro *Del lugar de las piedras*. Los editores encargaron la traducción a Rui Costa. A partir de ahí, mantuve con él un intercambio de e-mails en los que con total amabilidad y detalle fuimos compartiendo opiniones con respecto a determinadas expresiones o palabras del texto. Recuerdo, sobre todo, el estudio que ambos hicimos para acomodar la palabra *gañán*, pues, al parecer, la lengua portuguesa no tenía ningún vocablo que contuviera las connotaciones sociales y culturales de éste. Admiré la paciencia de mi, hasta entonces, desconocido traductor y su extrema delicadeza. Más tarde, y como parte de lo convenido en las bases del premio, asistí a la Feria del Libro de Gijón y, estando a la espera de uno de sus actos, apareció en el umbral la figura de un joven bellissimo, sonriente, perfecto. Alguien me comentó que era el poeta que había traducido mi libro. Internamente me hablé de la suerte que habían tenido mis palabras al caer en sus manos. Ya no se trataba tan sólo de un autor exquisito intelectualmente, su continente envolvía perfectamente el contenido y esto era, en realidad, cosa de celebrar.

Años después, en 2011, con motivo de la preparación de unas jornadas literarias en Ceuta, para las que me comprometí a acercar, entre otros, a varios poetas portugueses, volví a tomar contacto con Rui, quien atendió de inmediato mi solicitud y me brindó el nombre y los datos de varios poetas magníficos: María do Sameiro Barroso, Tiago Nené y Fernando Esteves Pinto, alegando que él, cuya participación había solicitado, no podría desgraciadamente asistir por hallarse en Brasil. Tuve que aceptarlo, porque ese país tan lejano me dejaba fuera de juego frente a las condiciones que podía ofrecer por parte de los otros organizadores.

Al fin, hace unos meses, intenté repetir la experiencia de Ceuta, esta vez en Jerez de la Frontera. Se lo comuniqué a todos ellos y Rui me dio la inmensa alegría de confirmar su asistencia, puesto que en

esos días tenía previsto encontrarse en Portugal. Al fin había conseguido redondear la cifra; ya todos los amigos portugueses estarían reunidos y podríamos disfrutar de la magnífica palabra de tan grandes autores. Se acercaba la fecha y no recibía noticias de mi traductor. No era normal, había aceptado mi invitación con una alegría que se notaba hasta en las sílabas y me era imposible creer que a última hora se hubiese arrepentido. ¿Qué sucedía? Comencé a indagar entre los amigos. Fernando y María colaboraron arduamente, hasta que nos dimos de frente contra la tragedia: Rui no llegaría a España. Quizás había preferido dejarse ir con las aguas a otros recitales diferentes, a otras latitudes, al lugar donde se graba el nombre por siempre en el recuerdo.

Y sé que es imposible, pero la poesía abre de repente otras puertas. Rui me había comentado, en uno de sus correos, que el medio de transporte elegido para venir sería el del tren. Días después de su muerte, yendo yo a despedir a mis hijos que partían hacia Alemania y encontrándome ya en el primer andén de la estación de Jerez, un joven delgado y alto levantó su mano desde el tercero de los andenes y moviéndola en el aire, hizo una señal de victoria. Pensé que era mi yerno que, desde allí, saludaba. Me acerqué hasta el lugar y contrasté con sorpresa que mi familia todavía no había llegado y no había ningún joven de complexión semejante esperando el convoy.

En una piedra blanca, desde entonces, además de en mi libro favorito, sigue brillando el ser que, igual que un fuego, supo dejar su huella en mi camino. Ahí sigue palpitando el nombre de Rui Filipe Morais Aguiar da Costa, el magnífico poeta Rui Costa, el gran amigo Rui.

### Circunstância e Comunicação

Conheci o Rui Costa em 2006. Nesse ano tinha saído uma antologia de poesia portuguesa – *Poema Poema* – edição bilingue (português/castelhano), na qual o Rui também colaborou. E foi ainda nesse ano que se organizou o que viria a ser o Encontro de Escritores Hispano-Lusos Palavra Ibérica, realizado em Huelva – Punta Umbría, para o qual o Rui foi convidado. Marcámos encontro em Faro (não o conhecia pessoalmente), para depois seguirmos viagem para Espanha. Foi curioso o primeiro contacto que tivemos: cheguei a Faro à hora combinada, percorri os olhos pelo jardim Manuel Bivar, e sentado num banco virado para a doca vi um tipo com uma mochila, a ler um livro. Soube depois que era o Buzzati. Aproximei-me de lado e disse-lhe: só podes ser o Rui. Ele olhou para mim, surpreendido, e a sorrir perguntou-me: Como é que sabes? Respondi: Não é todos os dias que encontro um tipo a ler um livro na rua. Cumprimentámo-nos e fomos para a esplanada do Café Aliança conversar.

Na nossa conversa no Café Aliança houve logo uma urgência de comunicação que abordou precisamente o meio literário. Concluímos que o meio literário sofre de receios patológicos. Era isto que o Rui Costa combatia. Esta fobia intelectual. E percebi que o Rui estava mais isolado do que eu, embora ele tivesse já editado (2005) uma belíssima primeira obra, o livro de poesia “A Nuvem Prateada das Pessoas Graves”, que mereceu o prémio Daniel Faria.

#### Vida

O Rui amava a própria vida e a liberdade em relação a todas as coisas. Tinha uma grande paixão pela escrita, como é fácil perceber pela obra que deixou inédita. Dava muita importância à amizade, e sabia identificar nos amigos, os verdadeiros amigos, o afecto que também alimentava a sua vida.

Combatia a indiferença. A desonestidade intelectual. O compadrio. Ele que era tão rigoroso e honesto nos seus princípios, incapaz de se

empoleirar em quem quer que fosse. Mantinha sempre aquela distância em relação a favores e capelinhas, daí a ideia que algumas pessoas no meio literário tinham dele: a arrogância. Ora, uma pessoa que não cede perante os vícios de comportamento da sociedade só pode ser rotulado de arrogante? Como essas pessoas menores e inseguras estão enganadas! Não têm capacidade nem sequer se mostram disponíveis para se aproximarem de pessoas como o Rui. Esta questão das relações também gera “lucros”, e o Rui rejeitava qualquer tipo de “lucro” que proviesse duma relação interesseira e tendenciosa.

### **Prazeres**

O silêncio e a leitura. A escrita. Aquela solidão vigiada por um pensamento sóbrio. Gostava sobretudo de teorizar situações da vida, utilizando-as como uma espécie de esquisso para a sua escrita, estabelecendo ligações surrealistas. Encontrava prazer no sentido que dava às coisas. Nas coisas mais simples apreciava uma boa comida e um bom vinho. Viajar sozinho – a sensação de chegar a um sítio e começar uma nova vida nesse instante.

### **Luz e Sombra**

Todo o ser humano possui esse contraste. “*Nem luz nem a treva*”, como ele diz num poema, estão dissociados da nossa natureza humana. Para mim ele era uma pessoa luminosa, tinha um grande carisma, havia uma grande segurança na sua presença. Ser amigo do Rui era sentirmos compensação por ele também gostar de nós. Se havia fases sombrias na sua personalidade, se algum pensamento seu espalhasse a sua sombra à nossa volta, isso era a sua veia criativa a reclamar afastamento e retiro. Era a sua consciência a pedir para estar só. De resto, o convívio com o Rui era uma festa.

### **«Exílio»**

O Brasil foi o seu exílio. Contra o desencanto. Contra o cinzenismo. Mas esta é também uma ideia romântica de ver as coisas.

Houve efectivamente um afastamento temporário, para avaliar e analisar de fora aquilo que fora o seu percurso como autor até ao momento. Mas o cenário no Brasil também não difere muito do que se vive em Portugal. O meio cultural lá é ainda mais fechado. Em Abril de 2011 desabafou assim, num e-mail: *“Isto aqui não é muito fácil conhecer pessoas, porque elas fecham-se um bocado nas suas elites. Mas quando passa um cara famoso ou com guito, vai tudo atrás”*. Mas o Rui no Brasil participou activamente em alguns projectos culturais e literários, escreveu teatro, e disse-me que ia fazer um curso de escrita para cinema e teatro. E estava a trabalhar numa tese de doutoramento em Ciências da Saúde.

### **PEN Clube**

O desejo de renovação. Ele achava que o PEN Clube já não funcionava nos termos em que fora criado. Queria desempoeirar as cadeiras e reactivar uma velha máquina, pesadíssima, por sinal. Propôs uma nova direcção, fez uma campanha quando esteve como participante no encontro Correntes de Escritas, na Póvoa de Varzim. Ele estava muito entusiasmado, fizera os contactos certos, mas depois percebeu, ao perder as eleições, que a máquina estava pregada ao tempo antigo, resistindo às mudanças.

### **«A Resistência dos Materiais»**

O romance “A Resistência dos Materiais” ganhou o Prémio Albufeira de Literatura, em 2007. O Rui contactou as melhores editoras, e todas elas lhe bateram com a porta. Foi de facto uma luta de um jovem autor premiado contra a insensibilidade editorial. Recebeu inclusive respostas elogiosas sobre o romance, realçando as suas qualidades, mas não era comercial. Faltava-lhe uma ponta de mediocridade para ser editado por uma grande editora.

## Estilos

O seu estilo era único. Procurava sempre aquela imagem que subvertia a ordem das coisas. Sabia escrever em sentido invertido, isto é, abordava os assuntos pelo lado menos visível. Tinha uma perspectiva poética desconcertante e reversível. Toda a sua poesia focava-se na ideia de que o universo é uma galeria de arte humana. É fácil verificar que a poesia do Rui é surreal e que trabalha a disformidade do ser e seus comportamentos. Há na poesia do Rui uma outra forma de sentir para além da normalidade: o sujeito poético que o autor evoca parece-nos envolvido numa racionalidade absurda e constantemente submetido a um tipo de regras que ainda não foram experimentadas na realidade.

Portanto, esta é uma poesia onde tudo acontece estranhamente pela primeira vez na história real dos homens em relação a tudo o que os rodeia. Outro aspecto interessante na escrita do Rui é que as coisas têm maior protagonismo que o próprio ser humano, levando-nos a crer que são essas mesmas coisas o agente provocador do pensamento e da consciência humanas.

Para o Rui, um poema é uma pedra de gelo a rodopiar no vaso da cabeça dos outros. Eu sei que o Rui a escrever é de uma frieza que inebria a compreensão do leitor. O que significa que cada frase é um trago de calor que nos fica na memória a arder durante muito tempo.

Agora quero recordá-lo como um amigo que só se tem uma vez na vida, e guardar para sempre estes versos dele: *“Gostavas da vida. sou igual a ti. um lobo espreita a tua cara que nunca foi a mesma. a erva cresceu. no entanto algo nos une. sinto conforto nisso”*.

# depoimentos

## henrique manuel bento fialho

### Redondo vocábulo

*Era um redondo vocábulo*

*Uma soma agreste*

**José Afonso**

Pedem-me um depoimento, e eu aceito depor já não apenas na condição de arguido. Nasci português, nasci condenado. Mais tarde ou mais cedo, será demasiado tarde. Quem não nasceu com sorte nos bolsos, esmorecerá sobre a terra como uma sombra envergonhada. Se no sangue lhe correr algum ódio, plantas maravilhosas florescerão da terra; se nos ossos alguma ferrugem houver, mais plantas maravilhosas florescerão; se amor for tudo o que aos músculos convém, garantido é que as mesmas flores desabrocharão. Porque as flores crescem a olhar o céu independentemente das lajes, da história enterrada debaixo das lajes, de tudo o que ficou por fazer. Então se dirá: lança uma pedra sobre o assunto.

Mais tarde ou mais cedo, não chegaremos a tempo. É assim quando se nasce português, pior ainda quando se nasce fora de Lisboa. Na província, nasce-se muito mais perto das plantas que florescem à hora da morte, nenhum caminho pode ser desbravado sem calos nos dedos, terra nas unhas, feridas nos pés. No campo toda a gente nasce a cheirar a suor, ao passo que nas cidades é o suor que nasce a cheirar a gente. Numa casa onde não há livros, onde a fome obriga a cavar fossos, onde os fossos mergulham no destino sem passado, presente ou futuro, os homens não podem dar-se ao luxo de pensar para lá dos bolsos. E com os bolsos rotos ninguém transporta areia, ninguém sobrevive ao azar, ninguém escapa à solidão. Há nesses bolsos rotos um turismo melancólico, uma certa forma de olhar o mundo à nossa volta.

Com sorte, escapa-se por instantes à gravidade dos penedos. Um homem faz-se funcionário, prime carimbos, lambe envelopes, embrulha-se em correio azul e envia-se a si próprio para um apartado

qualquer à espera de ser aberto, lido, afagado pelos olhos ensimesmados de quem lê. Embora quem leia desconheça os segredos dos pombos, não faça sopa dos ninhos, não mate a fome com amoras, caracóis, o sal que a costa nos dá. Não pretendas, leitor, lançar a primeira pedra, quando vives num país que tudo começa a construir pelo telhado. Não queiras tocar violino num salão de surdos. Não esperes dos mudos, desses que voluntária e meticulosamente, calculosamente, calam a existência de todo um mundo para lá das suas flácidas barrigas, não queiras desses a palavra conveniente. Vê no que dá.

A ninguém convém o mofo, a ninguém se ajusta o hálito bafiento de certas concordâncias, pelo menos a ninguém que estime suficientemente o sabor tardio da liberdade. Porque um dia, é inevitável como estar escrito que mais tarde ou mais cedo será demasiado tarde, um dia o esquecimento definitivo cairá sobre os nomes como uma pedra tumular, e desses nomes nenhuma plantas maravilhosas florescerão. Apenas vermes saberão o odor nauseabundo desses lugares. E nós ofereceremos os nossos depoimentos aos vindouros, como se não fôssemos o futuro.

Só me lembro de termos estados juntos no Coliseu do Porto, com a música dos Sigur Rós colando-se aos olhos. Se eu soubesse correr, se houvesse campo para a minha nudez, se um tronco caído não se me atravessasse e impedisse o caminho, se desnudado eu soubesse guiar-me por entre florestas inebriantes e fosse uma coisa apenas em potência, ainda não concretizada. Se enquanto tal os pés descalços caminhassem sobre as folhas de Outono colando às palmas dos dedos a terra fértil das estações renovadas, se fosse possível enegrecer o canto a ponto de o tornar invisível e depois espalmar as vozes nos tambores como antigamente faziam as tribos para evocarem os espíritos dos antepassados. Mas não sei onde encontrar essa morada tranquila, não me foi concedido o endereço, a direcção, das fórmulas que nos salvam de nós próprios.

Por isso perco-me dentro do meu próprio desespero e fico senta-



do a ouvir palavras que não entendo, música que me torna ainda mais céptico, um álbum dos Sigur Rós, por exemplo, música para acordar em mim desalentadas dormências. Sento-me a ouvi-los e faço pressão sobre os pés descalços, não para calcar o soalho mas para ver se os dedos descobrem um pouco de terra, uma impressão digital que se lhes cole e pronuncie um último resquício do espanto. Porque é tudo o que almejo por estes dias, uma vontade de espanto que me liberte o cepticismo dos predicados com que tenho declarado o mundo.

É tudo quanto almejo, um pouco de mistério nas vozes distantes e inaudíveis das palavras que a toda a hora me chegam em memórias de tão breves, mas extremos, encontros. Queria poder, queria saber escrever a nudez e explicar às margens dos rios o cume das montanhas e explicar às montanhas a sombra que os rios fazem quando passam por cima delas e copiar-me como um eco, como o voo de uma águia em retorno, sentado numa floresta, precipitado na renovação da floresta, a ouvir o canto dos anjos, os xilofones que repercutem os espíritos das florestas, não como quem os espanta mas como quem os chama, e aí ficar, sentado, sempre sentado, a escrever cartas, longas cartas que chegassem todos os dias à morada tranquila que desconheço.

Não sei o que diria nessas cartas, como não sei o que dizer neste depoimento. Talvez não dissesse nada, talvez dissesse o meu silêncio e no dizê-lo dissesse já muita coisa. Os dias estão cada vez mais pálidos, não há nenhum refrão que motive a dança dos dias, as balanças pendem para o escuro das grutas onde nascem os rios e levam consigo, no caudal indeterminado das dúvidas, a pouca esperança que resta. Fico sentado a vê-la desaguar na foz das horas, no equilíbrio das gaiotas, e vejo-a esfumar-se por entre marés tumultuares e de novo ouço a vontade de me pôr a correr na direcção de moradas tranquilas, de me despir e pôr a correr.

Contenho-me nos mandamentos porque escrever não é trabalho que se pague, faço borlas, dou-me como um aditamento, uma coisa

incompreensível aos olhos da família onde por sorte fui vendo as estações passarem. Não se pagam cartas camufladas, não tem preço esta vontade de me pôr a correr e desnudar-me, esta vontade de dizer que não posso ir ao encontro de uma morada tranquila que desconheço, não tem preço. Por isso trabalho e não respondo aos convites e adio as cartas cheias de silêncio e recalco as respostas adiadas e evito acontecimentos e entrego-me aos acidentes e subo aos contrários sugeridos pela calamidade dos dias para dizer apenas: estou opressivamente sentado numa floresta desfeita, uma floresta de livros, jardins de árvores abatidas, transformadas em pasta de papel, estou opressivamente sentado numa floresta de árvores abatidas a realizar a impossibilidade de um sonho, esse sonho de me despir e de me pôr a correr, esse sonho de novamente sentir a humidade da terra na ponta dos pés e com a terra me fundir como se fôssemos um único corpo.

Tinhas razão, trago alegria na minha tristeza. Estou camuflado, entregue ao veneno arrependido dos escribas, estou diante dos meus próprios olhos e vejo apenas um canto, um canto angelical é tudo o que vejo, um canto que me envia para um voo sobre o qual peso toneladas de adiamento. Caio sobre o canto, esborracho-o, tudo destruo com o meu peso. Nenhuma terra me sustém. Talvez quando morrer, perdidas as últimas gramas, haja repouso para o meu desespero aqui sentado.

## “Killing me softly with his song”

*Roberta Flack*

Conocí a Rui en Punta Umbría (Huelva), en el año 2006, durante el primer encuentro de poetas hispano-lusos. Coincidimos en un almuerzo en el Albergue juvenil. Él se sentó a mi derecha; hablaba en portugués, yo en español, pero nos entendimos a la perfección. Su discurso era divertido, irónico y muy sugerente, y celebré que a ambos nos gustara tanto la música, especialmente Roberta Flack y su eterna canción: “Killing me softly”.

Charlamos mucho y, sinceramente, me encantó. El resto de poetas portugueses también fueron maravillosos. Me alegré mucho de haber compartido aquella luminosa tarde con todos ellos.

Rui y yo nos dimos nuestras direcciones de correo y comenzamos a escribirnos con el deseo, siempre, de volver a vernos e intercambiar poemas, pero poco a poco él me escribía menos, estaba ocupado, incluso una vez escribió algo así como que había mucha distancia entre nosotros, él en Porto, yo en Huelva... Sentí su pesimismo, como si de pronto la realidad lo aplastase y prefiriese dar por terminada nuestra amistad llena de palabras y sueños. Lo entendí y me dolió.

Unos años después, acudí a un encuentro de poetas en Cartaya (Huelva) y durante la cena, coincidió en la mesa conmigo, a mi derecha de nuevo. Lo noté más crítico, más incisivo... pero igualmente encantador y derrochando una luz especial. Tenía una seguridad que no había percibido la vez primera. Me comentó que se había estado escribiendo con una chica: él creía que era yo, pero no estaba realmente seguro. Me sentí insignificante entonces; recordé sus palabras de pesimismo, sus pocas ganas de continuar escribiéndome... así que le contesté que no era yo. Él, con expresión cómica, se preguntó en voz alta: “¿Entonces, con quién me he estado escribiendo?”

Durante la velada hablaba mucho de su preocupación sobre la automedicación y sus peligros, del flaco favor que nos hacemos ati-

borrándonos de pastillas cuando todo se puede solucionar con más diálogo o cariño. Su discurso era muy humano, realmente era una persona preocupada por los demás. Hay personas que expresan un gran corazón en la mirada – comentó lo negativo que era para la salud tomar antidepresivos, que eran inútiles. En ese momento yo tenía uno en mis manos y me lo tomé con mucho disimulo a pesar de estar totalmente de acuerdo con sus palabras.

Al acabar, en la puerta del restaurante, quise comentarle que le había mentado, que me disculpase, pero lo vi alejarse calle arriba, en la oscuridad de la noche, junto a una chica que no se separó de él y, nuevamente, me sentí demasiado insignificante. Fue la última vez que lo vi: de espaldas, hablando animadamente, con su cazadora clara y su tierna tristeza en cada gesto, como contradiciendo a sus palabras y a su entusiasmo. Recuerdo a Rui como un ser en continua lucha consigo mismo, de gran generosidad, pero frágil. Era como si ese pesimismo a veces le hiciese sombra y le venciese. Un ser con un gran mundo interior, un poeta intenso y, tal vez, no muy comprendido. Un hermoso ser humano.

Puede ser que esta pequeña historia sea un poco ridícula, pero me arrepiento de mi estúpida mentira. Quizás entre todos/as contribuimos a su falta de calor, a su tristeza... Lo que sí puedo afirmar es que hay personas que se acercan a nuestra vida un instante y su recuerdo se queda en nuestro corazón para siempre.

A finales de diciembre de 2011 y principios de enero de 2012 me vino su recuerdo de una forma insistente. Pensé recuperar su correo y saludarlo, pero me invadía una gran tristeza. Una tarde, paseando por Vila Real de Santo Antonio (Portugal), sin querer, me encontré frente a la puerta de su cementerio y supe que algo trágico iba a pasar. Tiempo después, la noticia me llegó al alma y todo cuadró de pronto.

Tal vez, quiero pensar, desde el fondo de su abismo, ningún ser humano le fuimos indiferente.

*“Telling my whole life with his words.  
Killing me softly with his song“.*

**O amigo do amigo do amigo da Carla Bruni ou  
“A coragem da rutura, tendo a humanidade  
como pano de fundo e a autoflagelação como  
suporte à violência”**

*Assim começa a história:*

*“Era uma vez o amigo do meu amigo, que tinha uma amiga que agora precisava do meu amigo, para se defender do amigo do meu amigo, de quem ela já não sabia se era amiga. Foi aí que me apresentei à amiga e ao amigo do meu amigo como sendo mais um amigo.”*

Feliz por ter tantos amigos, com amigos, que meus amigos também possam ser, encetei o diálogo reforçando os ténues laços de afeto que pressenti quebradiços tal a carranca azeda, de poucos amigos, do amigo do meu amigo.

O rapaz tinha um olhar de matador que as mulheres sempre apreciavam e buscam para poderem ser verdadeiramente nossas *amigas*.

Temos macho! pensei, se bem que, um pouco bezerrão. Há sempre uma mãe embevecida a distorcer a imagem do filho no espelho, a encher de brilhantina e cuspo os cabelos ao vento do seu rico menino.

Não quero ser injusto para o Poeta, mas todo o relato é pura ficção.

O moço era bravo! Sentia-se o rasgo da **rutura** na sua alma, como uma arma engatilhada, pronta a disparar.

No Pequeno Almoço da Carla Bruni, o poeta tece ácidas considerações sobre o seu modo de amar, provoca e regista com minúcia cirúrgica as limitações do Amor, para ele, Infinitas.

Amores de *juvencs profissionais urbanos*, os da sua geração e relação, tudo tão distante e oposto da minha *casta etária* de barrocos e delirantes idealistas.

Nunca chegámos a bater-nos, não sou saco de murros para Samurais literários em crise de impotência criativa, ou outra.

Dei-lhe o meu beneplácito por ser um grande e cúmplice *amigo do meu amigo*, por ele ou simplesmente pelo rosto simpático e sorridente da “amiguinha” que trazia a reboque e que quase fez descarilar emocionalmente.

Com a minha chegada retumbante, tudo se alterou – a jovem era agora uma fonte de amistosos sorrisos -, saíra fora do estilo antipático e matador do poeta que se comprazia em ser desmancha-prazeres, para que a penetração literária fosse mais fundo e o orgasmo doloroso fornecesse uma mão cheia de bons poemas.

Cordial e meigo enchi a noite de um aroma leve a condizer com o meu Algarve, sempre difícil para Galegos ainda que cheios de talento e verve literária.

Apaziguada a fêmea, o valente e temerário escritor convertera-se já sem reboços ao novo cenário.

Os últimos dias de “*mènage à trois*”, varandas meias no hotel em Vila Real de Stº António a convite do vice-presidente, o transmontano poeta dos Garbs, tinham sido problemáticos para a parelha, e suscitado saudáveis ciúmes que o trio administrava ao sabor das marés tormentosas que por vezes chegavam às lágrimas.

Agora éramos “*quatre*” à mesa na noite cálida e uterina, quatro filhos da mãe a xuxar nos sortilégios da vida com a boa disposição de quem já não faz parte dela.

No encontro em Lisboa com lançamentos literários e as habituais homilias, o mais importante tinham sido as gajas! Vestidas no pronto a despir, para degustar ou largar de copo na mão e caneta em riste à Charles Bukowski. O poeta tudo deve registar antes que o precioso instante se venha, ou se vá!

O breve espasmo de esquecimento, o único céu que nos resta depois dos deuses terem sido demitidos pelo jacobino sadismo de ajustamento ao amor entre classes.

Havia também uma colega ao meu lado, vaporosa e suada, uma “francesinha à moda do Porto”, pronta a ser saboreada, como uma gamba de paelha, antes de entulharmos de cupidez a pança sancha,

na mesa longa do restaurante, onde escribas da moda se dão ao luxo de serem pessoalmente importantes para o pagode acrítico e diletante dos convivas de ocasião.

Lá estava ele, dono de todas as fêmeas, com o seu mau feitio a cravejar os corações que não compreendem como é difícil conciliar a carreira com o amor.

Mas há que insistir! Afinal são poetas, sacerdotes dessa religião sem destino que apela à não-morte, à breve eternidade. Amam o anémico pudor do sexo exposto ao virar da esquina, os Poemas Abruptos e Selvagens do Capitalismo Terminal.

O nosso vate laureado, mais pelas belas companhias femininas do que pela sua excêntrica e cuidada literatura, foi fecundo em vertiginosas imagens de freeson; do vidro cortante razando pulsos, à sensualidade mole da tropical banana esborrachada com impotente flacidez no paredão da Saudade, pronto a capitular perante o instante último na enorme e derradeira vertigem:

– *O céu deu as asas ao anjo que de Nada quis saber.*

– *Havia essa aura de santidade e franca amizade no seu belo olhar de menino.*

– *Nada de mesquinho ou hesitante, apenas a crua certeza de que tudo deve ter um fim.*

– *Senão!...estilhaça-se um copo nas ventas da mentira e segue-se vazio para o futuro, sempre para melhor, sempre para a morte cheia, plena de virtude.*

– *Perdi-lhe o rastro, só o eco distante do sempre fiel e comum amigo, diferindo notícias cúmplices num Brasil distante.*

– *Era um pilar sólido de carinhosa amizade para os que amava.*

Não seria o nosso caso! De tão breve e fugaz relacionamento, no entanto, sinto a sua falta no coração do meu amigo. O buraco que se abriu – ambos poderão preencher de belos textos resolutos e crentes que eram no seu mútuo valor. Sem lamúrias com muitas noites longas sonhadas entre mulheres belas e quentes tragadas de um só golo. O malfadado cálice do amor venal a despedaçar-se

numa qualquer parede do *palácio da inquietação*, com muitos lustres de almas reluzentes, breves e iluminadas.

Não se deve partir sem se despedir dos amigos? A Carla Bruni evaporou-se no anonimato; diluiu-se na água do café, borras sedimentam a chávena que quero agora atirar contra a parede em tua honra!

*– Rui! Os estilhaços cortarão mais carnes e muitas mulheres chorarão de dor e prazer em tua memória.*

Sem, no entanto, saberem que as amaste demais na tua secreta timidez, que lhes respeitaste a delicada cerviz, flagelando a tua grande alma, não as poupando ao Gozo.

Carpirão pelo teu corpo, ainda tão jovem. Só então descansarás na escrita que deixaste e onde sempre moraste: nas entrelinhas desse amanhã que será sempre para nós, os teus breves amigos, um eterno **Agora**.



## **A “Primeira antologia de micro-ficção portuguesa”**

*foi o pretexto desta conversa entre Rui Costa e Luís Ene*

**Qual o teu interesse pelo que se pode designar como micro-narrativa ou micro-ficção? Já agora, que expressão preferes?**

O meu interesse pela micro-ficção tem a ver com a sua extrema aptidão para a promiscuidade. A micro-ficção é um tique nervoso, uma descarga eléctrica feliz, como quando vais pela auto-estrada a 140, durante três horas, e te cai um broche do céu. Prefiro a expressão micro-ficção, porque me parece mais abrangente, e porque soa melhor (Cristina, não vais levar a mal).

**Concordas com a afirmação de que a micronarrativa instala a confusão, como sugere HMBF no prefácio, entre a poesia e a prosa?**

Sim. Não há confusão nenhuma, tudo é confusão. Os nossos antepassados é que se sentiam confusos e desataram a fazer classificações: isto é poesia, aquilo é prosa, isto é pimba, aquilo já é a botar pró clássico, e por aí fora. Eu gosto de abstracto, mas também gosto de concreto. Gosto de leite com groselha, mas também gosto de absinto. Isto faz-te confusão? A mim não me faz confusão nenhuma.

É como aquela pessoa que entra no autocarro e se agarra ao primeiro varão. O autocarro enche, as pessoas que vão entrando querem passar, mas aquela pessoa está aparafusada ao chão. Passa a primavera, o verão, chega o inverno. A pessoa tem o primeiro neto, compra uma casa de férias. Eventualmente morre sem deslargar o varão. O varão salvou aquela pessoa da confusão, não foi? Mas agora não há nenhum varão que nos salve.

**Qual foi e como decorreu o processo de selecção e organização dos textos? Quais os critérios que te orientaram?**

Convidei, como explico numa nota do livro, os autores a enviarem-me textos com o máximo de 200 palavras. Houve uma excepção,

o Alcides. É um indivíduo estranho, ameaçou convidar-me para provar empadinhas de tofu.

Os critérios: qualidade e variedade. Quanto à variedade, deixo esta precisão: há um dois autores com quem não tenho especial afinidade de escritas/gosto, mas achei que deviam integrar a antologia, por focarem um conjunto de temas e/ou processos que ainda não estava representado.

Uma boa parte dos autores antologados vai publicar mais coisas no futuro, e com todo o mérito.

### **A ideia de indicação dos blogues dos autores foi tua? O que está por detrás dela?**

Foi. Descobri (por mim e por indicação tua e do Henrique Fialho) quase todos os autores nos blogues, nada mais natural do que indicar a fonte. E é uma forma de dizer “aos blogues”: estavas aí, discreto e caladinho a escrever posts onde não passa a TVI, mas valeu a pena porque houve alguém que leu e gostou.

### **Achas que a micronarrativa é um novo género?**

Acho que a micro-ficção é mais do que um género, é um peixinho amarelo de barbatanas peitorais.

### **Que pensas do resultado final da antologia?**

Ficámos todos contentes com o resultado final: um livro que ao mesmo tempo é um objecto bonito e tem um conteúdo variado e de qualidade. O meu maior gozo foi o de poder dar a conhecer autores que ainda não tinham tido oportunidade de publicar (e outros que andavam noutras lides).

Fico surpreso com o facto de esta ter sido a primeira antologia de micro-ficção portuguesa, sabendo nós como ela vem sendo praticada há alguns anos em Portugal e noutros países. Dizem que há muitas editoras? Se há, devem andar a dormir. A editora exodus apostou na minha ideia e diz que não se arrependeu: em pouco

mais de um mês uma cadeia de livrarias reforçou os seus stocks duas vezes.

**E o teu romance? Tem tido boa aceitação do público e da crítica?**

O público (bem, nem todo) gosta de surpresas (um leitor falou-me do que chamou uma “nova experiência de leitura”); um excelente crítico vai falar alguns minutos sobre “A Resistência dos Materiais” no Programa da RTPN “Ler+, ler melhor” (ainda não sei a data mas, tendo em conta a pessoa, tou curioso).

Ei, reparo que parou de chover. Vou até ali ao bosque.  
Até breve, amigo!

## Gostava muito de falar contigo

A 22 de Maio de 2010 escrevi ao Rui Costa um email que tinha por assunto o mesmo título que dou a este depoimento; como era prática da nossa correspondência, o conteúdo era um feixe de linhas a fingirem versos que davam forma ao carinho que nos tínhamos:

*em diálogo  
com feedback  
ou o que é  
embora talvez não seja o melhor dia  
dói-me a cabeça  
e sangra o ovo velho  
+ está um calor de embeber esponjas mornas  
vou xonar  
que alice já dorme  
com o punho no ar*

Eu, portanto, estava menstruada, a minha filha Alice tinha partido um braço e por isso o tinha ao alto, e nós íamos começar a escrever uma peça que também tinha uma Alice por protagonista e que por acaso, ou nem tanto, acabou por meter lá dentro um ovo posto por uma galinha especial, a Cléo, propriedade de Fátu, posteriormente cobiçado por Mike o Abductor e contrabandeado por Zipo, o nerd.

*O homem que eu vi abduzia  
Com malícia e melancolia.  
Cléo é um bicho arisco, nunca quis  
Ser uma poedeira convencional.  
Dispensava a ambição, era imortal,  
Não se ralava. Se era feliz?  
Era nada. O seu ovo infecundo  
Derramava e declinava o mundo.*

O Rui e eu queríamos um ovo que inchasse até rebentar, ou alguém que o esvaziasse com furinhos, tinha muitos gigas e dados e relações de todas as contas bancárias e câmaras de vídeo-vigilância, sistemas de navegação aérea, todos os computadores de todos os lugares do planeta, e pensámos que se calhar destruindo atalhos se podiam apagar também objectos e destinos.

*Teorias, obras de arte. Mestrados, doutorados, dissertações. E agora os ebooks e os iphones, karaokes e biónicos colhões. São eles shoppings, Zaras, Ikeas, tarot, astrologia, sessões de superflex para mim e para ti o curso de expressionismo alemão. Temos que estudar a noção de campo do Bourdieu e perceber o que é a linguagem para Foucault. Depois, é preciso cozinhar beringela com queijo e tomate, usando manjeriço e apostando nos sucos naturais. Deixar o café, o tabaco e o álcool. Respirar só quando for preciso. Meditar, transcendentalmente, enquanto se envia três emails. Acreditar muito na justiça para começarmos agora, localmente, a mudar o mundo. E se eu quiser apenas que não me mudem a mim? (...) Não é demasiado sentido isto tudo? Posso ser incompetente, ou melhor, inútil? Inútil, no verdadeiro sentido da inutilidade, que é só servir para mim e para uns poucos mais mas sem dar conta disso planeadamente? Posso ser caótica, perder tempo, dar cabo das palavras destiladas na universidade e reproduzidas eficazmente pelo ministro parolo? Posso, porque eu digo que posso, e agora apetece-me assim*

Mas eu não sabia o que acontecia depois, eu e o Rui discutimos muito essa coisa do depois, como imaginar um mundo diferente sem ser às avessas deste ou simplesmente uma fantasia de entretenimento. No diário que então escrevemos, ficheiro “Alice retira” com várias versões de download, o Rui explicou-me de uma maneira que me pareceu simples: não era preciso ir muito longe nem inventar o que ainda não existia, bastava um pouco de curiosidade

para perceber que as relações entre os existentes não estavam ainda nem um pouco aproveitadas, desde o nosso pequeno-almoço até mesmo ao da Carla Bruni, suponho... Eu chamo a este bocado de arte poética do Rui a **torrada com manteiga**, e cada vez que o leio me comove a paciência e persistência do meu amigo em abrir as vistas e as sinapses aos, como eu, distraídos neste mundo:

*eu não gosto dos cenários apocalípticos de muita ficção científica. o “A resistência dos materiais” tem ficção científica como eu acho que ela podia ser. não gosto daqueles cenários de carros amontoados e casas e cidades feias ou desertas, com ou sem vírus. isso é tretas. se for a ficção científica dos Flinstones ainda vá. é mais num cenário-flintstone que eu vejo a cena dos camarões e dos chuveiros, embora o propósito aqui seja diferente. é difícil explicar este propósito. em termos de feeling vou tentar: por exemplo, eu às vezes tenha uma torrada grande na mão, com muita manteiga, ainda quente, e apetece-me pressioná-la contra a cara e ficar assim durante alguns minutos, enquanto a outra pessoa vai tomando o café com leite. pra mim, ficção científica é isto. recuperar, aproveitar, experimentar pela primeira vez, os actos possíveis negligenciados (negligenciados porque a torrada é para comer, e comemos porque a seguir vamos sair pra trabalhar, etc.). falei dos camarões não sei bem por quê. talvez seja porque: são primitivos, interessantes enquanto objectos: têm olhos e patas-gadanhãs bem desenhadas (quem sabe se não dão pra pegar na alface melhor do que os instrumentos do IKEA), não são de aço inoxidável nem de alumínio, são feitos de células, deus tem medo de lhes pegar (deus transformou-se num mariquinhas, agora usa muitas luvas), entre outras coisas (sabem a mar, dizem, eu sou alérgico a marisco). quer dizer, o cenário esvaziado, com ou sem camarões, pra mim não é nada chocante (nem seres estranhos, nem máquinas uuuuh; embora um humano com dificuldades respiratórias possa respirar com recurso/ajuda aos pulmões do seu cão – admitindo que o cão*

*está disposto a isso). MAS AQUI AINDA NÃO TÁ DITO (OU TÁ?) QUAL É O SENTIDO DESSE ESVAZIAMENTO. tá mais ou menos dito: recuperar, aproveitar, praticar pela primeira vez (acho que acima disse isto mais ou menos assim) os actos possíveis esquecidos (esquecidos desde o início do mundo, as pessoas nunca esfregaram a torrada com manteiga na cara; não o fazer, nunca o fazer, é que é estranho). ou seja, este mundo é que é estranho [alice ou este mundo é que é estranho], não o que tenha camarões e chuveiros em posições diferentes. a minha ficção científica não se apoia com naves e lasers, porque no pequeno-almoço já há que chegue. mas claro que o corpo a mudar, a ambiguidade, a saturação e o esvaziamento, isto são coisas importantes. alice só é estranha porque entende (ainda que ela mesma não entenda bem que entende) mais ou menos isto.*

O Rui registou estas palavras numa entrada no nosso documento partilhado que diz “3 de Junho, tarde”. Andávamos eufóricos, nesse Verão que foi há dois anos, e escrevíamos nessa altura um ao outro emails consecutivos a registar ideias para um mundo no(i)vo que viria a seguir a apagar-se o ovo. E eu acabei por roubar a torrada ao Rui para a meter na nossa peça num diálogo assim

*Allan – Tenho uma borbulha a mais a nascer  
Uma pétala da tua casca corroída,  
Gostava de tocar-lhe e untá-la de manteiga*

*Alice – Comer-me?*

*Allan – Encostar-te à face derretida.  
Serias quente se te tocasse, ou meiga*

*Alice – Ou viscosa.*

*Allan – Trocar de pele não  
Leva a tocar melhor, nem mais fundo.*

*Alice – Mas a minha está a esfarelar,  
E, como não a vê assim o mundo,*

*Há que descolá-la pelos poros, pegar-lhe  
Pelos pêlos até doer a raiz*

*Allan – Estás a tergiversar, Alice, e enganas-te porque me queres impressionar.*

Era eu que queria muito impressionar o Rui, porque ele dizia sempre que nunca tinha sido marcado pelo amor. E isso bastava olhar para a forma como os olhos dele dilatavam, disfarçando-se entre pálpebras semicerradas como de felinos mansos, a certos *scores* dos *joy division*, era, como muitíssima coisa nele, mais uma forma de atirar o barro à parede:

*Zipo – Ah, já sei. O amor!*

*Alice – (desmotivada) Ah, o filme, aquela canção...do coiso...*

*Zipo – O amor, foda-se. O amor!*

*Alice – (como a imitar Zipo) Fala baixo, carailho.*

*Zipo – O amor existe porquê? Diz-me!*

*Alice – (ups, este tom...) Olha querido, porque foda-se.*

Margarida Vale de Gato

(com longa adição de Rui Costa e excertos de um documento de trabalho de apoio à redacção da peça “Desligar e Voltar a Ligar”, encomenda da Culturgest concebida para o Festival PANOS 2011)



## **Não é como se tivesse sido ontem**

*Acabas de te tornar em mais um acto sólido da minha vida. Mais um jogo para inventar na minha memória, hei-de acrescentar-lhe os dias que não vivi contigo.*

Doeu-me, mas não parei. Li-te até os meus olhos se esconderem. E vi-te. Via-te sempre na tua escrita. Não é um lugar-comum nem é como se tivesse sido ontem. Fica já por aqui o assunto antes que resvale porque acabei de me lembrar de uma coisa e esta conversa ia para a maldade para aquilo para a risota. E hoje não estou a pensar muito para ela, a risota, desculpa. Sei lá porque é que estou a pedir desculpa, que pergunta. Olha, por causa do delito vital que me traz corcovada, deste erro de se ser triste. Sou, e depois? Bom, é engraçado, agora que penso nisso: nunca fui triste ao pé de ti. Sorriso.

Era curiosa, contente, de bem, assustada, meio-medrosa, mas não me recordo de *tristesse*. Ah, e desiludida, sim, por duas vezes, mas não sei se contam porque não estávamos ao pé um do outro, estávamos de cada lado do *messenger*. A desilusão foi minha, de mim. Da vez em que te zangaste comigo, lembras-te? Não te zangaste assim como quem estava mau comigo mas de mal comigo, e tiveste um bocado de razão, toda não, mas um bom bocado. Estou quase a redimir-me dessa, tu sabes que sim (sabes?). Passaram quantos anos dessa discussão? Quatro. Cinco. Três. Não sei. O tempo nunca medra.

Houve a segunda vez, pois houve, sou exímia a desiludir-me comigo e a sabê-lo no exacto instante, para saborear tudo duma vez. Fiquei com o sol todo na recordação da pele, que é para aprender. Está o dito pelo não dito, para guardar segredos que esgravatem nas horas. Não tenho certeza de ser isto o que fazem as pessoas des-

consoladas. Sou cheia das datas, e das cenas, guardo tudo. Ontem fiz tanta palermice, havias de ver. Começando por estar "incompreensivelmente" triste até ao sono imenso que bebi para dentro de não-sei-quantos cafés a tentar esconder essa tal tristesse. Cena marada.

Isto agora ia bem era a escrever a negrito, em azul. Claro. Mas não posso, não mo permito. Sabes o que fiz ontem? Pois. Nada de mais, coisa *habituée*, afinal.

Olha, moço, funciono assim, não me levas a mal, sabes que seria um lapso da mecânica. Quando dei conta do que a minha terceira cabeça ia fazer, e depois de a inverter para evitar a todo custo ferir sensibilidades legítimas, amanhei a tal desculpa que procurei o dia todo. E entrei a ser assim como sou: profundamente triste e desiludida e a rir.

*Voilà.*

Todo este estado a negrito, em azul.

Fui ler-te, descansada, a magoar-me intensamente. Chupei feridas nos teus poemas. E engoli de lá tudo o que havia de nobre em ti.

Com o sol ainda, todo, na invenção da minha pele.

### Una nube plateada

A un hombre no se le puede preguntar por su fe sino por su dolor.

De Rui nadie sabía bien donde estaba, si en las islas del Albión, en África, en Porto o en Brasil, pero él era como el orvalho que crece al lado del mar, como el viento que habla a las hilanderas del tiempo, como la maresia que desprende su sal al aire limpio de la playa. No recuerdo bien cuando lo conocí, pero tengo dos momentos claves en mi vida. El primer encuentro fue en Vila Real de St.º António presentando su libro “Desayuno con Carla Bruni” en el que creo que me regalo el mejor libro (para mí) que he leído de él “A nuvem prateada das pessoas graves”. Un libro en el que creo que se define muy bien con el poema “A matéria do ar” que bien pudiera haber sido “a materia da água”.

En Vila Real de St.º António le recuerdo junto a la Beatriz de Dante como si el poeta y su musa se les hubiera permitido estar juntos un solo fin de semana llamado “Paraíso”. El otro momento importante fue en Porto, donde se encargó de la presentación de mi libro “agencia del miedo” en un centro comercial de la ciudad. Aparte de los actos literarios pude conocer mucho mejor a la persona y al escritor. Recuerdo especialmente un paseo por la ciudad a través del río y de los lagares del olvido, perdón vino. Íbamos, Rui, Fernando y yo. El milagro permanente de sentirnos vivos, de conocernos a nosotros mismos es una experiencia mística tan solo perturbada por el ansía de venganza que en mí anidaba. Él me advirtió del poder brutal del mal. Me dijo que la fatalidad del hombre está narrada ya desde las fábulas de Lafontaine. Nos despedimos de Porto cuando la noche se mezclaba con el día y las luces azuladas del alba se levantaban sobre el Douro.

## Memória não editada

Escrevo este texto à medida que me ocorrem recordações do Rui Costa. Não pretendo ser cronologicamente lógico. Tenho ao fundo um áudio tirado de uma apresentação de "*As Limitações do Amor São Infinitas*" (Sombra do Amor, 2009), na Trama. Não que lá tivesse estado, porque não estive, mas porque senti necessidade de ouvir a voz do Rui, mais uma vez, e lembrar um modo de ser espontâneo e autêntico, sarcástico e divertidamente sério.

Recordo o Rui Costa e a relação cordial que havia entre nós. Unia-nos a literatura e não só: o seu passado enquanto jurista e advogado tinha muito que ver com o meu presente e futuro. Pelas nossas conversas, claro está, passou o tema da relação entre o Direito e a escrita, sendo certo, concordávamos, que dentro de uma coisa existia sempre a outra.

O Rui, enquanto escritor e, claro, como homem das leis, era um intérprete. Mas mais do que isso: talvez um intérprete com a capacidade única de parar a câmara dos olhos e fixar-se num ponto específico (por vezes um ponto que ninguém viu, ou um ponto ficcionado). E a partir daí continuar a interpretar, a reinterpretar, condicionado e reduzindo o mundo. Encontra-se muito disso num livro como "*A Nuvem Prateada das Pessoas Graves*" (Quasi, 2005), especificamente no poema homónimo, entre outros. Mas mais ainda na grande alegoria sobre o humano de "*A Resistência dos Materiais*" (Exodus, 2008).

Creio que a criatividade será uma resposta a uma insatisfação interior. Dou voltas e voltas à cabeça e também eu interpreto o que lhe terá passado pela cabeça nos últimos momentos de vida. Não o direi aqui. Talvez deixe para um poema que um dia me apareça com a sua voz.

A black and white portrait of Rui Costa, a man with dark, wavy hair, looking slightly to the left of the camera. He is wearing a dark, collared shirt. The background is blurred, showing what appears to be an office or a room with shelves and a computer monitor.

**rui costa**  
entrevista por  
fernando esteves pinto

**Depois de “A Nuvem Prateada das Pessoas Graves” – 2005, passando por “O Pequeno-almoço de Carla Bruni (2008), e agora o mais recente livro de poesia “As Limitações do Amor são Infinitas”, consideras que houve uma evolução ao nível da temática e poética na tua escrita?**

*Houve uma evolução na forma e nos temas. Interessa-me pôr as coisas fora do lugar. Tratar a metáfora de uma forma metabólica, como se fosse um bicho, e as coisas mais concretas (como os limões e as pataniscas de bacalhau) como se fossem carburadores universais.*

**Não se tem vislumbrado a presença da crítica literária em relação ao teu trabalho. Crês que os críticos existem?**

*O livro “A Nuvem Prateada das Pessoas Graves” mereceu referências ou artigos de Fernando Guimarães (no “Jornal de Letras”), da Vera Vouga (na “Revista da Faculdade de Letras do Porto”), do Luis Carmelo (no livro “A novíssima poesia portuguesa e a experiência estética contemporânea”), do Francisco Saraiva Fino (na revista brasileira online Germina), do Henrique Fialho (no extinto blog “Insónia”), e mais uma ou outra. A edição está esgotada ou perto disso, tendo em conta os direitos de autor que já me foram pagos.*

*Já o meu romance “A Resistência dos Materiais” não mereceu nenhuma crítica impressa. Talvez os críticos não o tenham lido, ou então não gostaram. É um romance bastante exigente. Quando o concluí tinha a perfeita consciência de não se tratar de um romance comercial. Era o que eu queria escrever naquela altura, sei que nunca mais conseguirei escrever outro livro sequer parecido.*

*Quanto a “O pequeno-almoço de Carla Bruni”, gostei bastante da apresentação que a Carmen Yañez fez dele no Salón del Libro Iberoamericano de Gijón.*

*Gostava que o livro de poesia “As Limitações do Amor são In-*

*finitas” tivesse maior visibilidade, seria uma boa recompensa para a pequena editora (“A sombra do Amor”) que decidiu investir algum dinheiro nele.*



**Acreditas que a poesia convencional, sem grandes rasgos de novidade formal, estética, e cuja temática se inclina para o espírito geral dos leitores, não os obrigando a questionar muito a interioridade que determinada linguagem evoca, ainda é tradição e, por isso mesmo, atrai mais leitores e estabelece um pacto de comunicação com a crítica?**

*Não tenho nada contra quem escreve para ganhar dinheiro com prêmios literários. Até agora não o fiz, mas não me repugnaria fazê-lo, por brincadeira também. No entanto, não assinaria com o meu nome um livro de que não gostasse.*

*Há vários prêmios literários que são fracós, porque os membros dos júris são maus escritores ou maus leitores. Nestes casos costumam escolher livros sem nenhum tipo de rasgo, que eles chamam de “coerentes”, e de que louvam “a afinção da voz poética”.*

*Eu não tenho jeito para vender a minha banha da cobra. Costumo dizer o que me apetece, e não ando a tentar ser amigo de toda a gente, seja crítico ou editor. Sei que assim é mais difícil, mas a minha única alternativa é tentar ser ainda melhor, e disciplinar um pouco mais a preguiça.*

**De que modo partes para o poema, isto é: levas contigo uma experiência, ou uma série de ideias e com esses instrumen-**

**tos trabalhas a experiência que o poema pede no acto de escrever?**

*Parto sempre aos esses, para despistar os polícias.*

*O poema “A nuvem prateada das pessoas graves” surgiu a partir de um senhor de Campo de Ourique que era muito tímido e um dia começou a falar comigo. O “poema inútil com montanha” surgiu depois de um mergulho no Douro, em frente a uma espécie de montanha verde. O poema “O pão” é sobre uma pessoa que conheci em Inglaterra. O poema “Eternidade” não sei como surgiu, talvez tenha origem numa vontade de ritmo, tal como o poema “Music Box”. E por aí fora, só consigo falar um a um.*

**Tendo em conta tudo o que te rodeia e te toca como pessoa em relação com o outro, que circunstâncias te vocacionam para a experiência do acto poético?**

*O que me motiva é a fome, mas não sei de quê. Ando sempre com fome. Como muito, bebo muito, vicio-me com facilidade. Há uns anos olhava para as pessoas de uma maneira sôfrega, mas isso está a mudar. A maior parte das pessoas da minha idade desiludem-me: são muito carreiristas, só pensam na vidinha e não dão ponto sem nó.*

*Acho o universo giro, sobretudo com umas boas sardinhas e um vinho verde muito frio à frente. Claro que é objectivamente injusto, de uma forma que chega a meter nojo – Deus é um bocado inapto, porque foi feito à imagem e semelhança do homem.*


*Também gosto de mulheres. Têm problemas no motor de arranque mas são muito mais surpreendentes do que os homens. Sempre me dei muito mais com mulheres, como namoradas ou amigas. Os homens são um bocado chatos, sempre com aquela preocupação de dizer coisas engraçadas.*

*Mudo muito, ainda não me conheço bem. Já fui advogado, sen-*



*tia-me humilhado com a vida que tinha. Com 31 anos decidi mudar completamente de vida. Sou livre, tento, não deixo que me façam a cabeça.*

**Recentemente falaste-me num processo que consistia em o autor auto-falsificar-se como forma de se distanciar do que antes tinha escrito e assim conseguir mover-se noutro espaço poético de comunicação, recorrendo a uma linguagem exclusiva para esse fim. Queres comentar?**



*Podes tentar escrever um romance de aeroporto, por exemplo, como exercício criativo. Experimentar relações causa-efeito, tornares-te um manipulador “estratégico” ou mesmo idiota. Isto para mim pode ser interessante, porque eu desvalorizo completamente o “estilo”. Em vez de um estilo, identificável até pelo leitor distraído, preferia pôr em prática mil estilos, um milhão. Ainda não tornei a minha personalidade flexível o suficiente para fazer isto. Sou bastante orgulhoso, e isso dificulta o esquecimento do eu necessário ao desapego dos nossos habitos-inhos.*

**Não será o poeta uma cópia de outros poetas?**

*Há poetas que nos marcam demasiado, em certos períodos. É preciso matá-los. As falsificações são coisas boas, as cópias não. São coisas diferentes: o falsificador engana duplamente, deixa sempre uma marquinha sua para confundir o expert. O falsificador podia ser o melhor violinista do mundo, mas contenta-se apenas com a ideia.*

**Julgo saber que procuras na tua poesia o caos na perfeição. A ser verdade, concordas que a linguagem é um espelho que deforma e evolui para uma expressão de sentido que não está ao alcance de todos os sujeitos comunicativos do universo?**

*A poesia existe nos limites da linguagem, tal como a filosofia. Já sabemos que por cá não podem andar todos no limite ao mesmo tempo – há regras genéticas no universo que garantem uma estabilidade relativa.*

*Há coisas que não costumo conseguir comunicar com as pessoas. Por exemplo: há tempos soube que as vacas são responsáveis por 10% da poluição, aquela lixada que dá cabo da camada de ozono. Senti-me extremamente solidário com elas, porque percebi que a imagem que as pessoas têm delas vai mudar, por uma razão que lhes escapa completamente. Nem sequer envelheceram, ou perderam o cabelo, ou apanharam SIDA. São exactamente as mesmas vacas, e agora nunca mais vão ser as mesmas.*



# bio

**Rui Costa** nasceu no Porto em 1972. Estudou Direito em Coimbra e foi advogado durante seis anos, em Lisboa e Londres. Concluiu um mestrado em Saúde Pública em Leeds, Inglaterra. Em 2009 foi candidato à presidência do Pen Clube. Em 2010 estava a trabalhar numa tese de doutoramento em Ciências da Saúde sobre o discurso e experiências de transformação do sector da saúde em Portugal e no Brasil.

## **Livros publicados:**

2005 - *"A Nuvem Prateada das Pessoas Graves"* (Quasi Edições) - Prémio de Poesia Daniel Faria.

2008 - *"O Pequeno Almoço de Carla Bruni"* (Ayuntamiento de Punta Umbría (Colecção Palavra Ibérica) e *"A Resistência dos Materiais"* (Exodus) - Prémio Albufeira de Literatura (romance)

2009 - *"As Limitações do Amor São Infinitas"* (Sombra do Amor Edições)

2012 - *"Breve Ensaio Sobre a Potência"* (Editora Língua Morta)

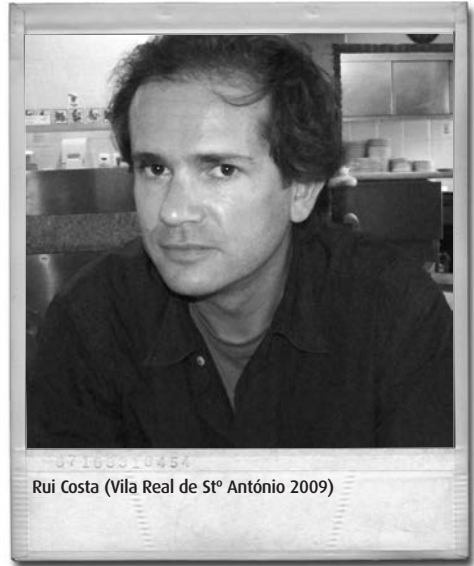
**Traduziu os livros de poesia:** *"Só Mais Uma Vez"*, do poeta espanhol Uberto Stabile (Editora Livrododia, Colecção Palavra Ibérica, 2007); *"Quarto Com Ilhas"*, de Manuel Moya (Editora Livrododia, Colecção Palavra Ibérica, 2008); *"Do Lugar das Pedras"*, da autora espanhola Dolors Alberola - (2009).

Com André Sebastião organizou a *"Primeira Antologia de Micro-ficção Portuguesa"* (Exodus, 2008).

Em coautoria com Margarida Vale de Gato escreveu *"Desligar e Voltar a Ligar"*, peça de teatro levada à cena na Culturgest (2011)

## **Colaborações:**

*Poema Poema - Antologia de Poesia Portuguesa Actual* (Huelva, 2006); *A Sophia - Homenagem a Sophia de Mello Breyner Andresen* (Caminho, 2007); *Um Poema para Fiama* (Labirinto, 2007); Antologia *"Os Dias do Amor"* (Ministério dos Livros, 2009) - organização de Inês Ramos; *Sulscrito - Revista de Literatura*; *Revista Big Ode*; *Revista Piolho*.





Rui Costa, Manuel A. Domingos e Tiago Nené  
(Vila Real de Stº António 2009)



Fernando Esteves Pinto e Rui Costa  
(Vila Real de Stº António 2009)



Ponta Umbría 2009 (Fernando Esteves Pinto, Rui Costa e  
Maria do Sameiro Barroso)



Ponta Umbría 2009 (Manuela Ribeiro, Tiago Nené, Adão  
Contreiras, Maria do Sameiro Barroso, Filomena Marona Beja,  
Inês Ramos, Fernando Esteves Pinto e, de costas, Rui Costa)

AUTOBIOGRAFIA  
A MATÉRIA DO AR

Não preciso mas tu sabes como eu sou  
Bom dia. Também eu sou feito de marfim,  
encaminho-me pouco divirto-me assim nas copas  
Estes são os meus amigos d'hoje: folhede  
das árvores soprando pensamentos para o mundo que há de noite.  
para entreter as mãos, pontas de madeira  
As pessoas quando acordam são outras, já sabias,  
grossa para depois comer. Hoje havia água  
essa névoa contemporânea do medo miudinho  
e a minha boca é cheia.  
que perdemos nas cidades e nos corpos, tu entraste  
Nunca o mínimo deus me salvou.  
antes de mim nos jogos, o enxofre da música e o

lago do feitiço, inocente homem breve que sonha  
Nem luz nem a treva. Às vezes, de madrugada,  
tu bem sabes.  
visito as mulheres que lavam e que cantam.  
Depois aluguei a bruxa por uma vasta noite.  
Trabalho com elas e há um forno transparente  
E a minha vida mudou, a noite cresceu.  
onde cozer o pão. Depois elas perguntam sempre  
A vertigem ardeu-me nos braços até à sangria  
quem sou e eu respondo: sou alguém que come pão  
do tédio quando para sempre julguei que te perdia.  
e que se senta fora da casa com as mãos na terra.  
Na luta perdi um ou dois braços,  
E elas começam a cantar e nunca me falam de  
mãos do que o que tinha. Mas esta memória é um palácio,  
amor.  
são corais no pensamento. Jardins e fantasmas.

O gume nas mãos sorrindo, criança estratosférica  
Ainda tenho pensamentos mas já não os penso.  
e profunda: sem braços e agora sem mais nada,  
Falo como o sono nutre a sua teia e o seu  
não me percebeste, enchi-me de fúria.  
veneno. Só os bichos da terra e os que andam  
E uma arte, queria eu dizer, matar sem retrocesso e  
no céu são brancos. E digo:  
atraso – ah aqueles braços para apoiar as mãos –,  
Acende uma fogueira ao que sobrar do  
ceifando. Saturno e o vento na proa erguendo.  
mundo.  
O navio no mar parado, parado: completamente.  
Parado como dizer? Não dizer, eu sou uma vida  
medonha e múltipla. E agora descanso  
deitado nestas mãos que mexem  
sem apoio, sabes, nascendo dos teus olhos  
p'la manhã.

ISBN:978-989-98088-6-7



9 789899 808867